





**AMORES EXPRESSOS**





J. P. CUENCA

# O único final feliz para uma história de amor é um acidente



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2010 by J. P. Cuenca

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

A coleção Amores expressos foi idealizada por RT/ Features

*Capa*

Retina\_78

*Preparação*

Maria Cecília Caropreso

*Revisão*

Veridiana Maenaka

Isabel Jorge Cury

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Cuenca, J. P.

O único final feliz para uma história de amor é um acidente /  
J. P. Cuenca. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

ISBN 978-85-359-1700-0

1. Romance brasileiro I. Título.

10-05830

CDD-869.93

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira 869.93

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

J. P. CUENCA

愛の物語の唯一の  
ハッピーエンドは  
事故である



COMPANHIA DAS LETRAS





*Não posso vê-la esta noite  
Tenho que desistir  
Então vou comer fugu  
Yosa Buson (1716-83)*



# 1.

*Antes do sr. Atsuo Okuda abrir a caixa, tudo estava escuro.*

*Mais que isso: não havia nada para ser iluminado antes do sr. Okuda abrir a caixa. Se o sr. Okuda nunca houvesse aberto a caixa, nada existiria. O mundo só começou a partir do momento em que o sr. Okuda abriu a caixa e disse a palavra. Ele disse: Yoshiko.*

*E Yoshiko ficou sendo o meu nome.*

*Depois que o sr. Okuda disse Yoshiko, eu ganhei, além de um nome, muitos começos e um fim. Eu começo na ponta dos meus dedos, nos fios dos meus cabelos, na planta dos meus pés, nos bicos dos meus peitos, na pele que cobre o vazio que há no meu corpo e em toda a superfície que me faz ser quem eu sou. Não poderia ser outra porque tenho esse corpo, e só eu tenho esse corpo, e eu sou esse corpo.*

*E o meu fim com esse corpo é um só: servir ao sr. Okuda.*

O sr. Okuda é o meu mestre, mas não é o meu criador. O meu criador é a Luvdoll Inc., localizada em 4-5-28 Nishi-Kawagushi, na cidade de Kawagushi, província de Saitama. O meu criador seguiu as instruções detalhadas do sr. Okuda, sob a ordem de encomenda número 2358B. A ordem de encomenda número 2358B, reproduzida em cinco vias que circularam por sessenta e cinco dias pelos diferentes departamentos da Luvdoll Inc., dizia que eu deveria ter olhos castanho-escuros (Pantone 4975C), pele aperolada #5, seios modelo senoide 220 g com 92,5 cm de diâmetro, umbigo com 0,8 cm de profundidade e vagina extrapequena #2, com pelos púbicos em corte vertical, profundidade de 8 cm e 4 cm de circunferência.

Outros detalhes foram adicionados em conversas entre o sr. Okuda e a Luvdoll Inc., pois o sr. Okuda foi extremamente detalhista em seus pedidos, e isso fez com que a Luvdoll Inc. estabelecesse novas variações na sua linha de produção. Entre outras minúcias inéditas para a Luvdoll Inc., o sr. Okuda desenhou com detalhes a curvatura dos meus pés, a espessura dos ossos das minhas clavículas e dos quadris.

O sr. Okuda queria que meus ossos fossem salientes, e assim eles são.

O sr. Okuda em nenhum momento se identificou para a Luvdoll Inc. E pagou pelo projeto personalizado a quantia de cinquenta milhões de ienes, o que me faz ser a boneca mais cara já produzida no Japão.

O sr. Okuda é um poeta conhecido e anunciou que parou de escrever há muitos anos. Isso é mentira, porque o sr. Okuda recita poesias para mim, dizendo que poderia ter pago por mim muito mais do que a quantia de

*cinquenta milhões de ienes, porque eu sou perfeita, e, porque eu sou perfeita, sou também a única pessoa com quem o sr. Okuda compartilha a sua poesia. Isso o sr. Okuda também me contou num poema que ele escreveu entre as linhas de outro poema.*

*O sr. Okuda só se dirige a mim em versos.*

*O sr. Okuda não precisa recitar os versos para que eu os entenda. Eu sei o que ele quer dizer quando olha para mim. Recebo ordens através do seu silêncio porque eu sou esse corpo e esse corpo tem apenas um fim, que é servir ao sr. Okuda, nem que seja ouvindo suas poesias sobre a minha perfeição, sobre os ciprestes numa estrada de Shikoku, sobre o canto dos pássaros ou, ainda, sobre a poesia em si, tema muito caro ao sr. Okuda, que ele também infiltra entre as linhas de outros poemas, e entre essas linhas ainda traça outros poemas sobre muitos outros assuntos, alguns que eu mal posso compreender, e assim os poemas e as linhas dos poemas se multiplicam e se intercalam até o infinito, e através delas o sr. Okuda me faz enxergar não só os belos sentimentos que tem por mim como também o mundo exterior, e o que está sobre ele e abaixo dele, porque eu nunca saí ou sairei de casa, esta que é a minha casa e também a casa do sr. Okuda.*

*E, pensando melhor, na verdade a minha casa, a minha única casa, é o sr. Okuda. Ele-mesmo.*



## 2.

Abaixo do reflexo das luzes avermelhadas no asfalto úmido, o submarino noturno navega pela fundação dos edifícios, entre cabos de eletricidade, túneis de esgoto e metrô. As peças desse navio submerso são grampos em telefones, câmeras e microfones escondidos em quartos e espelhos de fundo falso em banheiros por toda a cidade. Nossos homens-rãs, funcionários que registram o movimento de quem merece ser observado, têm habilidade para arrombar caixas de correio ou perseguir qualquer um pelo tempo que o sr. Okuda julgar necessário.

Esses equipamentos alimentam os monitores e as caixas de som de uma pequena sala no porão da casa do meu pai, chamada por ele de Sala do Periscópio. É a peça principal do seu posto de observação anônimo. Visto da porta, o conjunto de televisores empilhados parece o olho de uma mosca gigante.

Isso é o que aprendi a vida inteira com meu pai, o sr. Atsuo Okuda: a olhar. Olhar e ser invisível.

Como os dias são cada vez mais longos para o sr. Okuda, e o velho sonha abraçado à boneca Yoshiko quase o tempo inteiro,

a tarefa de operar o Periscópio vai ficando sob minha responsabilidade. É a minha herança, ele diria. “É o que vai sobrar de mim, mais do que os meus livros”, ele diria.

O Periscópio do sr. Lagosta Okuda, minha herança, não funcionaria sem a ajuda do sr. Suguro Shibata, professor da Associação do Fugu Harmonioso de Tsukiji. O sr. Suguro deve favores a meu pai e, além de tudo, é regamente pago para fornecer fugus selvagens e fazer todo o serviço sujo de espionagem. Palavra, aliás, que meu pai detesta — ele prefere chamar essa atividade de “observação”.

Vi Suguro Shibata uma única vez, quando criança, há quase trinta anos. Dele, só me lembro do cheiro. O sr. Shibata cheira a alga podre.

Se apenas vi o sr. Shibata uma vez, isso não significa que eu não tenha sido observado por ele em incontáveis ocasiões nas últimas décadas. Empilhadas nos armários da Sala do Periscópio, estão milhares de fitas em Betamax, vhs e depois discos prateados de DVD com imagens da minha vida, da adolescência até o instante em que terminará esse relato. Me acostumei com essa vigilância desde cedo — aprendi a vigiar sendo vigiado por meu pai.

Descobri a Sala do Periscópio no porão alguns anos depois dos meus sentidos começarem a perseguir as mulheres. Nela, organizadas por data e hora, estão gravações clandestinas dos meus primeiros encontros sexuais em motéis de Shibuya, e também de conversas, discussões e reatamentos em jantares, passeios e tardes da minha adolescência.

Com o tempo, embarquei no submarino com meu pai e juntos passamos a navegar atrás do nosso objeto de estudo pela cidade das pessoas invisíveis, pela cidade onde gente de toda a nossa grande nação japonesa vem para ser esquecida, pela cidade assimétrica que carrega em si todas as outras e nenhuma delas.



Nesses momentos, o sr. Lagosta Okuda diz em seus sonhos palavras que entram nos meus:

— Um dia você entenderá que o único final feliz possível para uma história de amor é um acidente sem sobreviventes. Sim, Shunsuke, meu estorvinho, meu pequeno fugu idiota: um acidente sem sobreviventes.



### 3.

O trem para.

A paisagem que vemos pela janela deixa de ser um desconjuntado de traços horizontais para se congelar em contornos iluminados por trás da chuva. Ao lado do pontilhão por onde passa a linha Yamanote, há uma muralha de edifícios e galerias comerciais. No topo de tudo, um grande outdoor anuncia sopa em tubos de neon. O único conjunto de janelas sem cortinas fechadas ou vidros escurecidos é o do quinto andar no edifício curvo à direita. Ali, um grupo de pequenas bailarinas ensaia uma coreografia no centro da sala, enquanto outras alongam as pernas numa barra de metal. O movimento das meninas é tão *puro* que penso em cutucar o seu ombro e compartilhar as bailarinas com você. Mas o caminho da minha mão até o seu corpo é interrompido pela explosão.

O estrondo começa com uma nota aguda na frente do carro que nos atravessa como uma katana afiada. À medida que o impacto avança pelas cadeiras e seres humanos, o grunhido do metal distorcido ganha um tom grave. A alteração é súbita: onde

antes havia sentido de continuidade e ordem, agora há entropia. O primeiro a ser capturado pela onda de choque é um adolescente que digita algo num telefone. A seu lado, um calombo cinzento perto da porta que conecta os vagões surge e acumula forças, como um peixe guardando ar para logo depois explodir, expondo garras afiadas que tomam o jovem pelo tronco, perfurando seu corpo. Numa rápida guinada, os dentes de metal o levam até o teto. O sangue do rapaz espirra no rosto do casal de velhos sentados à frente. Antes que tenham tempo de reagir, são engolidos por uma parede sólida que toma a parte esquerda da composição.

Essa gelatina de restos humanos, pedaços de ferro e plástico avança aos poucos, acumulando outros corpos e objetos, num ciclone cor de chumbo com franjas vermelhas. O grunhido metálico se une ao estalar dos crânios. *São como uvas maduras, Iulana.* O piso da composição se retorce, seu teto se transforma numa ladeira íngreme. E agora somos nós que começamos a alçar voo, suspensos pelo chão, capturados por uma onda prestes a rebentar. Os apoiadores de braço balançam como se estivéssemos num terremoto, os monitores de cristal piscam erráticamente antes de serem sugados pelo vórtice de destruição. *As coisas estão acontecendo, Iulana.*

Logo não ouviremos mais nada. Só haverá silêncio e frio quando o caos ganhar a metade do vagão. A onda está quase em nós. O “acidente”, como *eles* chamarão o que acontece aqui. Sinto-me superior, posso dizer assim, porque *eles* não sabem de nada. *Eles*, que agora entram e saem de Tóquio em trens iluminados e que são ingeridos, processados e expelidos todos os dias pelos canais desse animal de concreto e eletricidade. *Eles*, que ignoram completamente o que acontece aqui enquanto ganham elevadores, calçadas, túneis, escadas rolantes, esteiras automáticas, plataformas, os longos corredores subterrâneos das estações,

e que não interromperão seu perpétuo movimento com a nossa pequena tragédia. *Eles*, que talvez em algumas horas saibam da nossa história, o “acidente”, como chamarão o que acontece agora, e que ficarão comovidos e temerosos ao ver a nossa notícia na televisão da cozinha enquanto tomam café amanhã cedo — e confesso que amanhã já me parece uma palavra e uma ideia absurda. *Eles*, que vão pensar na morte por um breve instante para depois esquecer o assunto e voltar a andar pelas ruas até os seus trens, como se nós não os aguardássemos em algum ponto fixo do futuro. *Eles*, que jamais poderão compreender tudo o que acontece aqui. Porque há algo nesse vagão que é irreproduzível e sublime.

Ainda assim, tentarão passar a história adiante. Imagino as manchetes do jornal, talvez a fotografia dos nossos restos mesclados na linha. Pouco sobrar, terão que fazer exames de DNA em pequenos pedaços de carne e ossos calcinados. Me imagino remexendo nossos cadáveres, como um desses funcionários, e penso que eu seria incapaz de trabalhar com medicina legal — não sei se é por causa desse momento de urgência, mas até agradeço pelo emprego miserável que tive nos últimos anos. Ele me faz lembrar de todos os que não estão nesse vagão — da mesma forma como nós, em breve, tampouco estaremos no mundo. E posso até ver o rosto do sr. Lagosta Okuda, e penso com alguma culpa que deveria tê-lo visitado antes, e prestado honra à urna de minha mãe dentro de Yoshiko, manufaturada em Kawagushi, província de Saitama, segundo as mais detalhadas ordens de meu pai.

E penso em você, Iulana Romiszowska, em seus dedos grossos e panturrilhas sólidas, e no longo caminho que todas as partes do seu corpo percorreram da Polônia à sua infância na cidade portuária de Constanța, à beira do mar Negro, na Romênia, até que seus olhos grandes, redondos e azulados encontrassem o monstro iluminado de Tóquio, e, não sem espanto, a mim mes-

mo — e apenas gostaria que nesse momento você também pensasse em mim, sabe lá como. *Sinto uma paz estranha, Iulana.* Como se estivesse mergulhado sob a superfície de algo novo. Sei que quase já não estou aqui, o que me traz uma sensação de nostalgia imediata como se estivesse reconstruindo um sonho, caminhando no meio de um longo *déjà vu* ao mesmo tempo que o caos disforme de aço e carne moída galopa em silêncio na nossa direção. O escuro se apropria de tudo, como se tomasse de volta algo que sempre foi seu. *É tudo muito natural, Iulana.* Vamos essa onda com calma indiferença, apesar da certeza do fim próximo — ou por causa dela.

Quando você finalmente vira seu pescoço para mim, nossos olhos se encontram num ponto vazio. E antes que eu tenha tempo de tocar seu ombro para compartilhar as bailarinas que dançam com vestidos brancos no quinto andar do edifício curvo à direita, abaixo do grande outdoor que anuncia sopa em tubos de neon em contornos iluminados por trás da chuva, antes que tudo se vá daqui e o silêncio tome conta dos nossos olhos, você ainda terá tempo de dizer o meu nome, pela primeira vez você dirá o meu nome, Iulana Romiszowska, pela primeira vez o meu nome com a sua voz noturna.